

Cultue

Natal/RN | Nº 42 | Ano 6 | 30 de março de 2026

Sandoval Wanderley

A CULTUE É PARTE INTEGRANTE DO JORNAL AGORA RN, COM DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. TIRAGEM DESTA EDIÇÃO - 7.500 EXEMPLARES

OMES DO TEATRO
 03, 05, 10, 12 E 17/03 @ 14h às 17h
 Inscrição: gratuita
 Vagas limitadas

OFICINA LABMAIS: BRANDING PESSOAL PARA TRAJETÓRIAS CRIATIVAS E CULTURAIS COM MEDIAÇÃO DE NATHALIA SANTANA (RN)
 03, 05, 10, 12 E 17/03 @ 14h às 17h
 Inscrição: gratuita
 Vagas limitadas

ESPETÁCULO "AUTOBIOGRAFIA AUTORIZADA" COM PAULO BETTI (R.J)
 19, 14 E 15/03 @ 18h
 Ingressos: gratuito
 Acessibilidade: Tradução simultânea em libras

WORKSHOP INTERPRETAÇÃO PARA TEATRO E TV COM MEDIAÇÃO DE PAULO BETTI (R.J)
 15/03 @ 14h30 às 18h30
 Inscrição: gratuita até 06/03
 Vagas limitadas

OFICINA: O ATOR EM ESTADO DE PRESENÇA GRUPO ESTÁÇÃO DE TEATRO (RN)
 03, 05 E 20/03 @ 14h às 17h
 Inscrição: gratuita
 Vagas limitadas

TEATRO ESCOLA SANDOVAL WANDERLEY
 27/03 @ 18h
 Lançamento de...
 Homenagem a Títina Medeiros. Produção e direção de Carito Cavalcanti e Fernando Suassuna (Praieira Filmes/RN).

ESPETÁCULO TEATRO
 Grupo Estação de Te...

Ingressos: gratuito
 Acessibilidade: Tradução...



TEATRO DO POVO

Espaço histórico de Natal retoma atividades e reforça vocação de proximidade com o público

TEATRO ALBERTO MARANHÃO CHEGA A 122 ANOS DE HISTÓRIA

ATRIZ POTIGUAR CHEGA À GLOBO APÓS JORNADA NAS REDES

Cultue

O teatro não sobrevive apenas de aplausos — ele depende de continuidade. De espaços abertos, políticas consistentes e da capacidade de uma cidade reconhecer o que constrói sua própria identidade. Em Natal, essa discussão passa, inevitavelmente, por dois palcos que atravessam gerações: o Teatro Sesc Sandoval Wanderley e o Teatro Alberto Maranhão.

Mais do que equipamentos culturais, ambos são marcos de uma história que não pode ser interrompida — como já foi, com consequências visíveis. O longo período em que o Sandoval Wanderley permaneceu fechado não significou apenas portas trancadas. Representou menos circulação de artistas, menos formação de público, menos oportunidades de encontro. Em outras palavras, menos cidade.

A reabertura e reavivamento do Sandoval, após 15 anos, reposiciona Natal diante de si mesma. Não se trata de celebrar um retorno pontual, mas de compreender o que ele exige daqui para frente: permanência. Um teatro só cumpre sua função quando está vivo no cotidiano — com programação contínua, acesso facilitado e diálogo com a população. Especialmente em um bairro como o Alecrim, onde a arte disputa espaço com a urgência do dia a dia.

O Teatro Alberto Maranhão, por sua vez, carrega a densidade da tradição. Inaugurado no início do século XX, é símbolo da institucionalização das artes na capital. Mas tradição, por si só, não sustenta o futuro. É preciso que esses espaços não funcionem de forma isolada, e sim como parte de um ecossistema cultural integrado — que inclua formação, circulação e incentivo à produção local.

Nesse cenário, a memória também ocupa papel central. A recente homenagem a Titina Medeiros, com a nomeação da sala principal do Sandoval Wanderley, é uma afirmação de pertencimento. Ao inscrever o nome de uma artista potiguar no espaço, a cidade reconhece que sua história cultural é construída por quem está dentro dela.

Titina representa uma trajetória que nasce no teatro, atravessa o audiovisual e retorna à sua origem com força renovada. Sua própria fala, em vida, aponta o caminho: “Porque só no coletivo é que a gente consegue produzir e resistir e mostrar nossa força”. Há, nessa afirmação, uma síntese do que está em jogo. Teatro é coletivo. E, sem coletividade, ele não se sustenta.



Nathallya Macedo
Editora

EXPEDIENTE

Direção
Alex Viana

Foto da capa
José Aldenir

Diagramação
Paulo Maia

Edição
Nathallya Macedo



A Revista Cultue é um produto do Grupo Agora RN, que detém os direitos de produção e propriedade

SUMÁRIO



06

USO DA BICICLETA INSPIRA CONTEÚDO SOBRE NATAL



PESQUISA USA TAYLOR SWIFT PARA ENSINAR BOTÂNICA

14



17

AUTORA POTIGUAR NARRA TRAJETÓRIA ENTRE POESIA E IDENTIDADE

Praver & ouvir

BTS: O REENCONTRO

“BTS: O Reencontro”, lançado pela Netflix em 27 de março, acompanha o retorno do BTS após um hiato de quatro anos marcado por projetos solo e pelo cumprimento do serviço militar obrigatório na Coreia do Sul. O documentário se debruça sobre os bastidores da criação de “ARIRANG”, registrando o reencontro dos sete integrantes em Los Angeles e revelando um processo criativo atravessado por amadurecimento, inseguranças e redescobertas individuais que agora precisam coexistir no coletivo.

Mais do que um retorno, o doc evidencia uma virada estética e emocional do grupo. As novas letras refletem experiências mais densas, enquanto o som aponta para uma abordagem menos imediata e mais introspectiva, marcada por experimentações e camadas narrativas. Entre conversas íntimas e momentos de estúdio, o documentário constrói o retrato de artistas que voltam diferentes — não apenas pela passagem do tempo, mas pelo impacto de tudo o que viveram longe dos palcos.



Filme disponível na Netflix



KISS ALL THE TIME



O cantor britânico Harry Styles lançou o álbum Kiss All The Time. Disco, Occasionally, seu quarto trabalho solo e sucessor de Harry's House, disco que lhe rendeu o Grammy de Álbum do Ano em 2022. Com 12 faixas, o projeto amplia a sonoridade do artista para além do pop tradicional. Harry não tem medo de desagradar parte dos fãs apostando em sintetizadores, loops e trechos instrumentais que substituem, em vários momentos, a estrutura típica de canções com refrões chicletes. O disco apresenta um artista disposto a explorar novas direções musicais. Na primeira escuta, as músicas podem parecer semelhantes, mas revelam diferenças ao longo do álbum. Entre críticos, o trabalho foi descrito como “ambicioso” e “sutil”. A revista Rolling Stone classificou o disco como “deliciosamente estranho, muitas vezes encantador e consistentemente fascinante”.

Álbum disponível em todas as plataformas digitais





Belita Lira

★★★

A leitura de *Aos prantos no mercado* não foi tão fluida pra mim. Em vários momentos, senti que a diferença cultural me deixou meio perdida, como se eu não conseguisse me conectar totalmente com tudo o que estava sendo

contado. Ainda assim, isso não tira a força do livro — pelo contrário, mostra o quanto ele é pessoal e fiel à vivência da autora.

O que mais me marcou foi a forma como ela fala da mãe. Não é uma visão idealizada, perfeita, mas muito real: uma mãe que ama, mas também é dura, direta, às vezes difícil. E isso torna tudo mais verdadeiro. É bonito ver como ela guarda a memória da mãe, principalmente através da comida, como uma forma de manter esse vínculo vivo. Isso me tocou muito, porque na minha realidade também é assim — o amor muitas vezes vem nesses gestos simples do dia a dia.

Eu ainda tenho minha mãe comigo, mas esse livro mexeu comigo justamente por me fazer pensar na possibilidade de não ter mais. É uma leitura que dói, mas que também faz valorizar quem está ao nosso lado. Quem já perdeu alguém vai se identificar de um jeito ainda mais forte, mas quem não perdeu também vai sair diferente. Fiquei com a sensação de que as pessoas que a gente ama nunca vão embora de verdade — elas continuam na gente, nas lembranças e nas coisas que aprendemos com elas.

E assim como a mãe dela, a minha também expressa o amor por meio da comida.



Isabelly Noemi

★★★

Aos prantos no mercado, da Michelle Zauner, tem uma proposta muito bonita: falar sobre o luto pela mãe a partir da comida, das memórias e da relação com a própria identidade. E isso aparece — tem cenas sensíveis, principalmente quando ela conecta pratos e lembranças, que dão aquela sensação de algo muito íntimo.

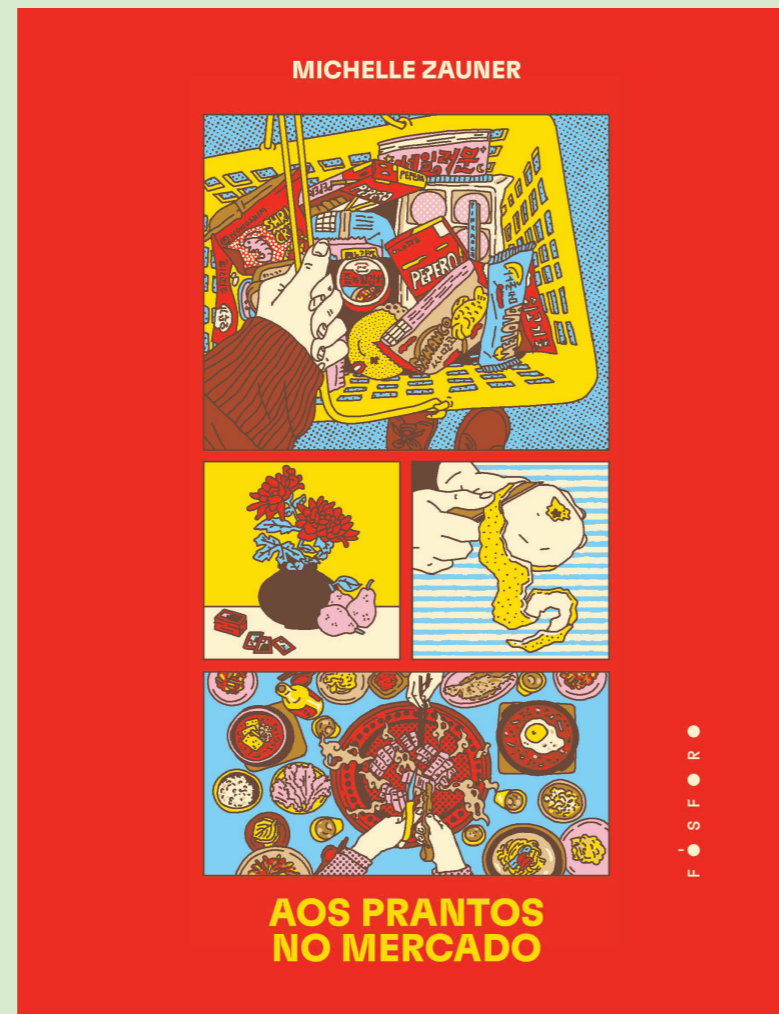
A relação com a mãe é o que mais sustenta o livro. Gosto de como não é algo idealizado, tem amor, mas também tem conflito, cobrança, desconforto. Nessas partes, o texto fica mais vivo, mais honesto, mais interessante de acompanhar.

Mas, no geral, senti falta de me envolver mais. Em vários momentos, parecia que a narrativa ficava um pouco na superfície, como se não quisesse ir até o fundo do que estava sendo sentido. E aí, mesmo com um tema tão forte, o impacto acaba sendo menor do que poderia.

A parte da identidade cultural também é interessante, principalmente nessa tentativa de se reconectar com as raízes depois da perda. A comida funciona bem como esse fio, mas às vezes parece que a ideia é mais forte do que o jeito como ela é desenvolvida.

No fim, é um livro bom, com momentos bonitos, mas

A página Clube do Livro reúne, a cada mês, avaliações das repórteres da Cultue sobre a obra escolhida para leitura coletiva.



que não me atravessou de verdade. Eu gostei, mas esperava sentir mais.



Karen Sousa

★★

É muito triste, mas tem sua beleza. Eu não gostei de *Aos Prantos no Mercado*, não sou muito fã de livros que são ou que se parecem com biografias, mas admiro essa junção de memórias transformadas em uma obra literária. Para

mim, pareceu que eu estava lendo as páginas de um diário da autora, frases tão íntimas que parece que foram escritas para ninguém ler e tão profundas que senti como se eu estivesse presente, testemunhando esses capítulos da vida da Michelle Zauner.

O livro fala sobre uma variedade de momentos e sensações que temos em vida, fala sobre dor, perda, preconceito, o sentimento de familiaridade, tudo isso com as presenças marcantes dos pratos sul-coreanos muito bem descritos (minhas partes favoritas) e é muito interessante como ela fala de memória afetiva através do paladar, mas isso tudo não foi o

suficiente para me prender na leitura, não me senti tão conectada e interessada, além de estar bem distante do tipo de livro que eu gosto.

No entanto, por mais que não seja meu tipo, não posso negar que me emocionei entre algumas frases. Eu sinto que sempre temos a possibilidade de nos identificarmos com obras artísticas mesmo que pensemos de início: “isso não tem nada a ver comigo” e, nesse caso, o que me tocou foi o luto vivenciado pela autora e em especial, quando ela conta sobre como buscamos, nas pequenas coisas, aquela pessoa que não existe mais entre nós. O luto é assim mesmo, doloroso e eterno, sem a possibilidade de voltar no tempo e dar um último abraço ou provar um pouco mais da comida que somente as matriarcas da nossa família sabem fazer. Acho que foi por isso que chorei lendo, porque lembrei e senti saudade da minha avó.

No mais, achei que o livro é mais uma coleção de memórias dolorosas relacionadas à mãe da autora, não só falando de luto, mas sobre a convivência e a relação entre mãe e filha, passando por alguns traumas que mais tarde foram sendo ressignificados. Para mim, não foi tão interessante.



Luzia Cavalcanti

★★★★

Aos prantos no mercado, de Michelle Zauner, é o delicado romance de estreia da cantora da banda Japanese Breakfast — uma obra que atravessa o luto materno e a busca por identidade coreana. Ao narrar a relação com a mãe, Michelle constrói um relato cru e honesto sobre o que significa crescer sob a criação de uma mulher coreana, marcada pelo rigor, pelo perfeccionismo e por um amor que, muitas vezes, se expressa de forma silenciosa e exigente.

O livro percorre sua infância, atravessa a adolescência e desemboca na perda da mãe já na vida adulta, como quem revisita, com cuidado e dor, cada etapa de uma existência compartilhada. No livro, o luto não se apresenta como um acontecimento pontual, mas como um processo que se infiltra pela memória.

O título ecoa esse movimento: o choro constante ao atravessar os corredores do mercado coreano favorito da mãe, onde cada prateleira guarda vestígios de uma vida em comum — os pratos preferidos, os ingredientes escolhidos com afeto, a culinária como linguagem de cuidado, de zelo e de amor. A beleza da obra reside justamente nessa capacidade de revelar o luto no cotidiano, nas pequenas frestas da rotina onde a ausência se torna insuportavelmente presente.

Perdi meu pai em 2023 e me recordo de não ter derramado lágrimas no velório. Estava ocupada com burocracias, tentando amparar minha mãe, recebendo condolências de inúmeros conhecidos.

Semanas depois, ao passar pela lotérica onde ele, religiosamente, fazia seus jogos, fui atravessada por um choro súbito, quase catatônico. É no banal — no gesto repetido, no hábito herdado — que o vazio se impõe com mais força. Assim como para a autora, no simples ato de ir ao mercado, é ali que a ausência se revela em sua forma mais concreta.

Outro mérito de Michelle está na recusa em romantizar a relação entre mãe e filha. Com coragem, ela expõe conflitos, revisita momentos em que foi, ainda que involuntariamente, cruel, movida pelo impulso de se rebelar contra tudo e todos. Há também a culpa tardia, o reconhecimento de um amor que não soube decifrar em tempo — o amor de uma mãe rígida, por vezes sufocante, mas profundamente devotada.

A obra ainda oferece uma imersão sensorial na cultura coreana, especialmente por meio da culinária. Para alguns leitores, essa abundância de detalhes pode parecer excessiva; para outros, como eu, é uma porta aberta para compreender, com mais intimidade, uma cultura que nos é distante — e, ao mesmo tempo, surpreendentemente familiar em seus afetos.

É um livro doloroso, mas profundamente humano. Dialoga com quem já experimentou a perda de alguém amado, despertando uma identificação inevitável. Mas também se apresenta como um sussurro para aqueles que ainda têm tempo: amar exige paciência, presença e atenção às pequenas coisas.

Porque, no fim, são esses instantes — uma ida ao mercado, uma parada na lotérica — que permanecem quando tudo o mais se vai.

Em *Aos Prantos no Mercado*, o luto aparece como permanência — algo que se instala no corpo e reorganiza a forma de existir. A imagem de caminhar com uma pedra no sapato traduz bem essa experiência: no início, a dor é aguda, exigindo atenção constante. Com o tempo, porém, não é que a pedra desapareça — é a gente que se acostuma a andar apesar dela.



Nathallya Macedo

★★★★

A narrativa constrói o luto como processo cotidiano, feito de gestos pequenos: cozinhar, lembrar, evitar, retornar. A comida, eixo central do livro, funciona como ponte entre presença e ausência. Cada receita é, ao mesmo tempo, tentativa de reviver a mãe e reconhecimento de que isso já não é possível.

Em esse contexto que surge a ideia mais potente da obra: “reserve dez por cento de si mesma”. Longe de soar como frieza, essa reserva é apresentada como estratégia de sobrevivência emocional. Ao longo da vida, a autora precisou manter esse espaço interno diante da relação complexa com a mãe; depois da morte, é justamente essa parcela preservada que permite continuar. Trata-se de um limite íntimo, uma espécie de território inviolável onde o outro — mesmo amado — não ocupa tudo.

O livro sugere que amar profundamente não significa se dissolver por completo. Há um custo em se entregar sem reservas: quando o outro se vai, leva consigo partes demais de quem fica. Aprender a guardar esse “dez por cento” é, então, aprender a permanecer inteira o suficiente para suportar a ausência.

No fim, *Aos Prantos no Mercado* não oferece consolo fácil. Ele desloca a ideia de superação e propõe uma contraposição à lógica de “seguir em frente” como quem deixa algo para trás, mas de incorporar o luto à própria caminhada. A pedra continua ali — mas, com o tempo, o passo encontra um jeito de contorná-la.



NATAL EM DUAS RODAS

Por Rita Paixão

Mariana Moreira, potiguar de 27 anos, encontrou na bicicleta uma forma de atravessar a cidade e, ao mesmo tempo, de permanecer nela. Foi a partir de deslocamentos simples pelas ruas de Natal que ela passou a construir uma nova relação com o espaço urbano, transformando a rotina em descoberta e percurso em narrativa.

A aproximação com o ciclismo é recente. Surgiu da necessidade: morando a poucos quilômetros do trabalho, Mariana buscava uma alternativa mais econômica e práti-

ca para o dia a dia. A bicicleta resolveu o problema e rapidamente ganhou outro significado. “Foi amor de cara. Me apaixonei pelo ciclismo e, quando vi, já tava fazendo isso todos os dias da semana e como hobby no fim de semana também”, conta.

Estudante de Geografia, ela já carregava um olhar atento para a cidade. Mas foi pedalando que esse olhar se ampliou. No início, a ideia era registrar trajetos e expor as dificuldades enfrentadas no trânsito. “Eu queria gravar rotas e o dia a dia no trânsito, mostrando que apesar de usar as ciclovias eu ainda sofria bastante com desrespeito de

motoristas e motociclistas. Mas depois percebi que dava pra apresentar a cidade de uma forma diferente”, explica. Aos poucos, o conteúdo deixou de ser apenas denúncia e passou a ser também convite.

Assim nasceu o perfil Natal de Bike no Instagram, que hoje acumula mais de 10 mil seguidores. Nos vídeos, Mariana percorre bairros, ruas e pontos conhecidos, e outros nem tanto, sempre trazendo contexto histórico e curiosidades que passam despercebidas na pressa cotidiana. O crescimento do público veio de forma espontânea, impulsionado por uma identificação coletiva. Um vídeo desprezioso, gravado na Ladeira do Sol, ultrapassou milhões de visualizações.

“Antes do Natal de Bike publiquei um vídeo pedalando na Ladeira do Sol, com áudio viral, desses de meme do Instagram mesmo, e viralizou! Antes do fim do ano já tinha alcançado mais de 1 milhão de visualizações e as pessoas foram chegando por reconhecer o local. Foi mais um ‘galtilho’ de perceber que o natalense precisa e quer ver Natal nas redes sociais”, diz.

Mais do que produzir conteúdo, Mariana passou a experimentar a cidade de outra maneira. Pedalar exige atenção ao percurso: escolher ruas, observar fluxos, entender conexões e a organização da cidade. Quando estamos em veículos motorizados, normalmente nos preocupamos em chegar rápido ao local de destino, a velocidade e o destino importam mais que o percurso. De bicicleta não, o percurso é a parte fundamental”, afirma. É nesse ritmo que a cidade se revela em detalhes. “A sensação é que Natal agora tem outras cores, outros formatos.”

Essa mudança também redefine o propósito do perfil. Mais do que incentivar o uso da bicicleta, Mariana quer aproximar as pessoas do lugar onde vivem. “Sou escoteira há 15 anos e sempre que recebemos visitas de escoteiros de outros estados faço questão de levar no centro histórico, explicar cada cantinho. Amo Natal e uso o Natal de Bike para que mais gente também possa sentir isso”, conta.

Ao mesmo tempo, pedalar também evidencia os limites da cidade. A falta de infraestrutura e o comportamento no trânsito aparecem como obstáculos constantes. “As ciclovias são insuficientes e muitas não se conectam. E, acima de tudo, falta respeito. Os motoristas ainda enxergam a bicicleta como um atraso”, relata. Entre buzinas, fechadas e disputas por espaço, o trajeto cotidiano exige atenção redobrada.

Ainda assim, Mariana segue pedalando e narrando. Entre um destino e outro, ela grava, observa, pesquisa. Muitas vezes, vive o percurso primeiro e registra depois, numa tentativa de não perder o que considera essencial: a experiência. “Eu tento aproveitar o passeio de verdade. A gravação vem depois, com mais calma”, explica.

Hoje, mesmo sem se colocar inicialmente nesse lugar, ela reconhece o impacto do que produz. Mais do que uma influenciadora de estilo de vida, Mariana se vê como alguém que desperta olhares. “Gravo o caminho chegando no local, gravo alguns takes do destino e só gravo o texto do roteiro (narração) depois de chegar em casa, pra conseguir aproveitar bem o passeio”, diz.

Esse é o ponto central do seu trabalho: desacelerar o olhar. Em uma cidade tantas vezes atravessada com pressa, Mariana propõe outro tempo, mais atento e sensível. No ritmo do pedal, ela mostra que a cidade não precisa ser apenas atravessada. Ela pode ser vivida, descoberta e, sobretudo, sentida.



BIA SIMÕES, ALÉM DA TELA

Por Belita Lira

Antes mesmo de entender o peso da palavra “carreira”, Bia Simões já transformava o cotidiano em narrativa. Aos 8 anos, quando muitos ainda descobrem o mundo, ela já experimentava compartilhá-lo. Aos 18, essa jovem de Natal, no Rio Grande do Norte, vê aquilo que começou como hábito ganhar forma de profissão — e, mais do que isso, de identidade. Entre filtros, monólogos e escolhas, Bia constrói uma presença que ultrapassa a tela e encontra eco em quem a acompanha.

“Minha trajetória começou de forma bem natural. Sempre gostei de compartilhar meu dia a dia, meus looks, dicas e experiências que faziam parte da minha rotina. Quando completei meus 8 anos, criei o meu Instagram”, conta.

O que era leve ganhou dimensão. Aos poucos, vieram os seguidores, as interações e, principalmente, a identificação do público. “No início era algo leve, sem grandes



planos, mas aos poucos as pessoas começaram a se identificar, interagir e foram chegando os seguidores. E então, comecei a criar conteúdo.”

O momento de virada não foi imediato, mas se desenhava com as oportunidades. As primeiras parcerias trouxeram a percepção de que havia ali mais do que um passatempo. “Eu percebi que isso poderia se tornar uma profissão quando começaram a surgir as primeiras parcerias. E o insta começou a virar uma ferramenta de trabalho. Fui crescendo e, com o tempo, as oportunidades também foram aumentando. Cada vez mais começaram a chegar novos parceiros e trabalhos. E foi nesse processo que eu percebi que poderia investir no Instagram e transformar ele como minha renda e profissão!”

A moda surgiu como uma das primeiras formas de expressão. Mais do que estética, tornou-se linguagem e identidade. “A moda sempre esteve presente sim. Sempre

gostei!! Quando criei o Instagram, a moda já foi uma das primeiras coisas que pensei em compartilhar”, afirma.

Mas a construção de Bia não se limita ao universo fashion. Existe um desejo antigo que pulsa com força: a atuação. E foi justamente nas redes sociais que esse sonho começou a ganhar forma pública. “A ideia de produzir monólogos surgiu porque meu grande sonho sempre foi atuar. A atuação sempre fez parte dos meus planos de vida, então comecei a gravar e postar como uma forma de me expressar artisticamente, mas também para que as pessoas conhecessem esse meu lado de atriz.”

Nesse cenário, o Instagram deixa de ser apenas um espaço de compartilhamento e passa a funcionar como vitrine profissional. “Além disso, hoje o Instagram é uma grande vitrine. Muitos produtores de elenco e diretores utilizam a plataforma como ferramenta de pesquisa, então também é uma forma de me mostrar.”

Por trás da naturalidade dos conteúdos, há preparação. Bia investiu em formação e construiu base técnica. “Tenho formação em TV e Cinema. Inclusive, foi através desse curso que conquistei meu DRT, que é o registro profissional de atriz.”

A busca por evolução segue constante. “Mas além disso, sempre busquei cursos profissionalizantes para continuar estudando e me aprimorando. Acredito muito na importância da preparação, então estou

constantemente em busca de mais conhecimento e evolução dentro da área da atuação”, conta.

Começar cedo trouxe aprendizados e exigiu maturidade. A transição do hobby para o trabalho foi um dos principais desafios. “Os maiores desafios no início da carreira foi a transição do hobby para o profissional. Quando comecei eu ainda era muito nova, então comecei a trabalhar desde muito cedo. E nem sempre era algo que eu gostava, mas estava ali pela ‘responsabilidade’, e que eu sou muito grata a minha ‘eu’ do passado por não ter desistido.”

A experiência se traduz também em orientação para quem deseja seguir o mesmo caminho. “Meu conselho é: comece sendo você. Não espere estar tudo perfeito para começar e não tente copiar o caminho de outras pessoas. É muito importante ter paciência, pois nem tudo acontece da noite para o dia, ter um crescimento leva tempo, leva investimento. E principalmente quando as oportunidades



começaram a surgir, trate com responsabilidade, porque em algum momento deixa de ser só um hobby e passa a ser um trabalho. Também é importante não dar ouvidos às críticas negativas, porque elas sempre vão existir.”

Mais do que números ou alcance, o foco está na conexão. “Quando as pessoas verem o meu conteúdo quero transmitir algo bom, algo que faça a pessoa querer voltar, ficar e me acompanhar. Quero que as pessoas se identifiquem comigo, e criem confiança e uma conexão.”

O sonho da atuação ganhou um marco recente com a participação na novela *Três Graças*, produção das 21h da Rede Globo. Uma experiência que carrega significado além da tela. “Foi incrível ter a oportunidade de fazer uma participação em *Três Graças*. Sinceramente, quando me mudei para o Rio de Janeiro, eu não imaginava que viveria algo assim tão cedo. Desde sempre, meu grande sonho foi ser atriz, e esse foi justamente o principal motivo da minha mudança para o Rio. Então poder estar nos estúdios da TV Globo, acompanhar as gravações de perto e ver toda a dinâmica dos bastidores foi uma experiência muito especial”, conta.

Bia construiu um caminho feito de tentativa, aprendizado e permanência. Agora, ela segue em movimento, entre novos projetos, descobertas e possibilidades que ainda vão se desenhando pelo caminho. “Sem dúvida, foi a realização de um sonho e um momento que marcou muito o início da minha trajetória.”, conclui.



Bia encontrou Sophie Charlotte nos bastidores da novela *Três Graças*

Por Isabelly Noemi e Nathallya Macedo

Celebrado em 27 de março, o Dia Mundial do Teatro funciona como um marco de reflexão sobre o papel das artes cênicas na sociedade — não apenas como expressão artística, mas como espaço de encontro, memória e construção coletiva. Em Natal, essa dimensão ganha contornos concretos com a reabertura do Teatro Sesc Sandoval Wanderley, no Alecrim, que voltou a operar como um dos principais pontos de acesso à cultura na cidade.

Inserido em uma região de intenso fluxo comercial e circulação de pessoas, o teatro retoma sua vocação histórica de proximidade com o público. Inaugurado em 1962 como o segundo espaço cênico da capital, após o Teatro Alberto Maranhão, o Sandoval Wanderley se consolidou ao longo das décadas como um ambiente de formação de plateias e incentivo à produção local, ficando conhecido como “Teatrinho do Povo”.

A data dedicada ao teatro, nesse contexto, amplia o sentido da reabertura do espaço. Mais do que um equipamento cultural em funcionamento, o Sandoval representa a retomada de uma prática coletiva: assistir, produzir e compartilhar arte. Em uma cidade marcada por desigualdades no acesso à cultura, a presença de um teatro ativo em um bairro popular como o Alecrim reforça a dimensão pública das artes cênicas.

Após permanecer fechado desde 2009, o espaço foi reaberto em novembro de 2025, resultado de uma parceria entre o Serviço Social do Comércio do Rio Grande do Norte (Sesc RN) e a Prefeitura de Natal. Foram investidos mais de R\$ 6 milhões na estrutura física e cerca de R\$ 2 milhões em equipamentos, com modernização e adequação para diferentes linguagens artísticas.



SANDOVAL WANDERLEY



Integrado à rede nacional do Sesc, que administra 118 espaços culturais e realiza cerca de 39 mil apresentações por ano, o teatro passa a contar com programação contínua e ações formativas. No Rio Grande do Norte, o investimento em cultura chegou a R\$ 11,3 milhões no ano passado.

A reflexão proposta pelo Dia Mundial do Teatro também se materializa nas homenagens a artistas que ajudaram a construir essa história. Durante a programação especial da data, o teatro passou a ter sua sala principal rebatizada como Sala de Espetáculos Titina Medeiros, em reconhecimento à trajetória da atriz potiguar.

A cerimônia contou com a presença de familiares, artistas e autoridades, e incluiu a estreia do documentário “Titina: Alma Livre”, dirigido por Carito Cavalcanti e Fernando Suassuna. À noite, o público acompanhou a apresentação do espetáculo “Candeia”, do Grupo Estação de Teatro, dirigido por Titina Medeiros em vida.

A escolha de inscrever o nome da atriz no espaço onde tantas trajetórias se cruzam reforça o caráter simbólico do teatro como lugar de permanência. Mais do que palco, o Sandoval Wanderley passa a incorporar, em sua estrutura, a memória de quem contribuiu para a construção da cena cultural do estado.

Em entrevista ao **AGORA RN**, em 2021, Titina Medeiros comentou: “Eu fico muito orgulhosa em saber que eu tenho um dedinho nisso, é muita alegria para mim”. Ao destacar o crescimento do audiovisual potiguar, afirmou: “Porque só no coletivo é que a gente consegue produzir e resistir e mostrar nossa força”.

A trajetória da atriz, que ganhou projeção nacional a partir do teatro, dialoga diretamente com a função do espaço que agora leva seu nome. Ao mesmo tempo em que projeta carreiras, o teatro também preserva histórias e fortalece identidades culturais.

Nesse sentido, o Dia Mundial do Teatro deixa de ser apenas uma data simbólica e se afirma como um convite à continuidade. Em Natal, a revitalização do Sandoval Wanderley evidencia que o teatro permanece como prática viva — sustentada por artistas, instituições e público — e como ferramenta de acesso, pertencimento e transformação social.





TAM. 122 ANOS

Por Nathallya Macedo

No bairro da Ribeira, em Natal, o Teatro Alberto Maranhão (TAM) chega aos 122 anos reafirmando sua permanência como um dos principais espaços culturais do Rio Grande do Norte. Em 2025, o equipamento registrou 274 espetáculos e recebeu mais de 90 mil espectadores, números que consolidam a retomada iniciada após a reabertura, em dezembro de 2021.

Mais do que um dado estatístico, o volume de público indica a reativação de um circuito cultural que havia sido interrompido durante o período em que o prédio permaneceu fechado para restauração. Desde então, o teatro voltou a ocupar um papel central na agenda

artística da capital, com programação contínua e diversificada.

A resposta do público também se evidencia em eventos pontuais. Na programação especial de sexta-feira 27, em alusão ao Dia Mundial do Teatro e do Circo, os ingressos gratuitos se esgotaram em apenas três minutos, após distribuição antecipada voltada aos seguidores do teatro e dos grupos participantes.

Vinculado à Fundação José Augusto, o TAM integra a política cultural do Estado e atua como instrumento de ampliação do acesso à arte. Em um cenário em que parte da população ainda enfrenta barreiras econômicas para frequentar equipamentos culturais, ações de gratuidade e incentivo à ocupação do espaço ajudam a

reduzir desigualdades.

Desde a reabertura, o teatro já contabiliza centenas de apresentações e mantém uma média significativa de público. “O TAM nunca está vazio. Mesmo com todas as dificuldades, continua sendo um local onde as pessoas costumam frequentar”, afirmou o diretor Ronaldo Costa, em entrevista anterior.

Ele também destacou a expectativa em torno do retorno das atividades após o longo período de obras. “Muitas pessoas tinham como incógnita como iria se comportar a reabertura do TAM, sobretudo porque a Ribeira tem problemas de segurança e iluminação. Mas tivemos a grata satisfação de que a reabertura trouxe novamente o público”.

Além da função de palco para espetáculos, o equi-

pamento atua na formação de novos públicos e artistas. “Muitos jovens, de várias escolas, realizam aqui seus espetáculos anuais de balé e teatro. Eles acabam criando afinidade com o patrimônio cultural do nosso estado”, disse.

A programação contempla tanto produções locais quanto atrações de alcance nacional. “Vale salientar que a nossa pauta mais barata é justamente a destinada ao artista da terra”, afirmou o diretor. Sobre os destaques recentes, ele acrescentou: “Sem sombra de dúvidas, o espetáculo que mais me chamou atenção recentemente foi o musical da Rita Lee com a Mel Lisboa. Todas as sessões foram lotadas e é considerado um dos musicais mais expoentes do Brasil na atualidade”.

O impacto da reativação do teatro também alcança o entorno urbano. “O que mais me deixa feliz é essa vida que o TAM traz para a Ribeira. Ele é uma ilha que se sustenta de maneira magnânima, iluminada, e torna aquele ambiente vivo”, afirmou Ronaldo Costa.

Inaugurado em 1904, o TAM é o teatro mais antigo do estado. O prédio começou a ser construído em 1898 e, em 1957, passou a homenagear o ex-governador Alberto Maranhão. Reaberto há quatro anos, passou pelo primeiro grande processo de restauro de sua história, com investimento de cerca de R\$ 13 milhões e acompanhamento do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

“Pela primeira vez, o TAM passou por um processo de restauro, resgatando suas características históricas”, destacou o diretor. “Também pela primeira vez, o TAM passou por um processo de fiscalização do Iphan, porque ele é tombado em nível federal. A restauração foi ampla: elétrica, hidráulica, acessibilidade, poltronas, camarins, portas, caixa cênica, equipamentos... tudo foi contemplado”.

Ao completar 122 anos, o Teatro Alberto Maranhão mantém o desafio de ampliar o acesso à cultura e sustentar uma programação contínua, ao mesmo tempo em que preserva sua relevância histórica. Em uma cidade marcada por desigualdades no consumo cultural, o equipamento segue como um dos principais pontos de encontro entre o público e as artes.

CIÊNCIA ENCONTRA POP

Por Luzia Cavalcanti

Por muito tempo, as plantas estiveram ali — silenciosas, presentes, ignoradas. Nas salas de aula, a botânica se tornou um território distante dos alunos. Foi desse incômodo que nasceu o trabalho da pesquisadora potiguar Gláucia Silva, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), que encontrou na obra da cantora Taylor Swift uma forma de reconectar ciência e sensibilidade.

“Eu acho que eu era a única, no meio de 40 alunos de biologia da minha turma, que curti estudar plantas”, lembra. Ao observar colegas e, depois, os próprios alunos, ela identificou um padrão: “Os alunos acham que é chato, que não faz sentido, que é perda de tempo”.

Para Gláucia, o problema é estrutural. “Existe um ciclo de ensino e aprendizagem pobre”, afirma. “Muitos professores não gostam de botânica porque tiveram uma formação insuficiente, e isso vai sendo passado adiante”.

A virada veio durante a pandemia. Sem métodos tradicionais e com estudantes desmotivados, ela precisou reinventar a forma de ensinar. “Tudo o que eu sabia sobre ensino e aprendizagem parecia que não funcionava mais”, conta. “Foi quando tudo me foi tirado que o método surgiu”.

A resposta veio da cultura pop. O método utiliza vídeos de Taylor Swift como ponto de partida para o ensino da botânica. Antes da teoria, o olhar.

“Antes dos alunos terem uma aula sobre árvores, eles veem o videoclipe. E ali, sem perceberem, começam a conversar sobre as plantas”, explica. “O vídeo ativa o que aquele aluno já sabia”.

Memórias começam a surgir: a árvore da infância, o quintal, a planta da casa da avó. “Quando esses conhecimentos vão se conectando, o aluno vai ficando mais aberto a aprender”, diz.

Apesar da base científica — com publicação na revista *Annals of Botany* — o método enfrentou resistência dentro

da própria academia. “Me chamaram de louca, de sem noção, disseram que era um delírio de fã”, relata.

Segundo a pesquisadora, o preconceito não era apenas contra a metodologia, mas também contra o uso da arte como ferramenta de ensino. “A gente também tem uma aversão a uma artista que é muito conhecida”, diz. Para ela, isso revela uma limitação no meio acadêmico. “A ciência tradicional ainda é muito relutante quanto ao potencial artístico. Acham que usar arte tira a credibilidade”.

Ela contesta: “Não adianta eu estar só falando para acadêmico. A gente precisa tornar a ciência acessível. A arte é uma forma da gente se conectar com as pessoas”.

Apesar das críticas iniciais, o método ganhou reconhecimento internacional e foi apresentado no Congresso Internacional de Botânica. “Foi surreal. Os botânicos falando ‘isso aqui é genial, eu nunca parei pra pensar em algo do tipo’”.

A recepção fora do país contrastou com a resistência inicial enfrentada no ambiente acadêmico local, o que, segundo ela, reforça a necessidade de rever paradigmas na ciência.

O reconhecimento também trouxe um episódio de suspeita de plágio. A pesquisadora identificou que uma universidade europeia utilizou a mesma metodologia sem citar a autoria. “Cada matéria que eu lia era como um tapa na cara”, afirma.

Segundo ela, a reprodução envolvia elementos centrais do método: a mesma artista, os mesmos vídeos, a mesma lógica didática. Ainda assim, não houve atribuição de crédito. “A metodologia existe para ser utilizada e adaptada, mas o básico da ciência é citar quem desenvolveu a ideia”.

Para Gláucia, o caso também evidencia desigualdades estruturais. “Muitos pesquisadores brasileiros passam anos desenvolvendo uma técnica e veem isso sendo apropriado por outros”, afirma.

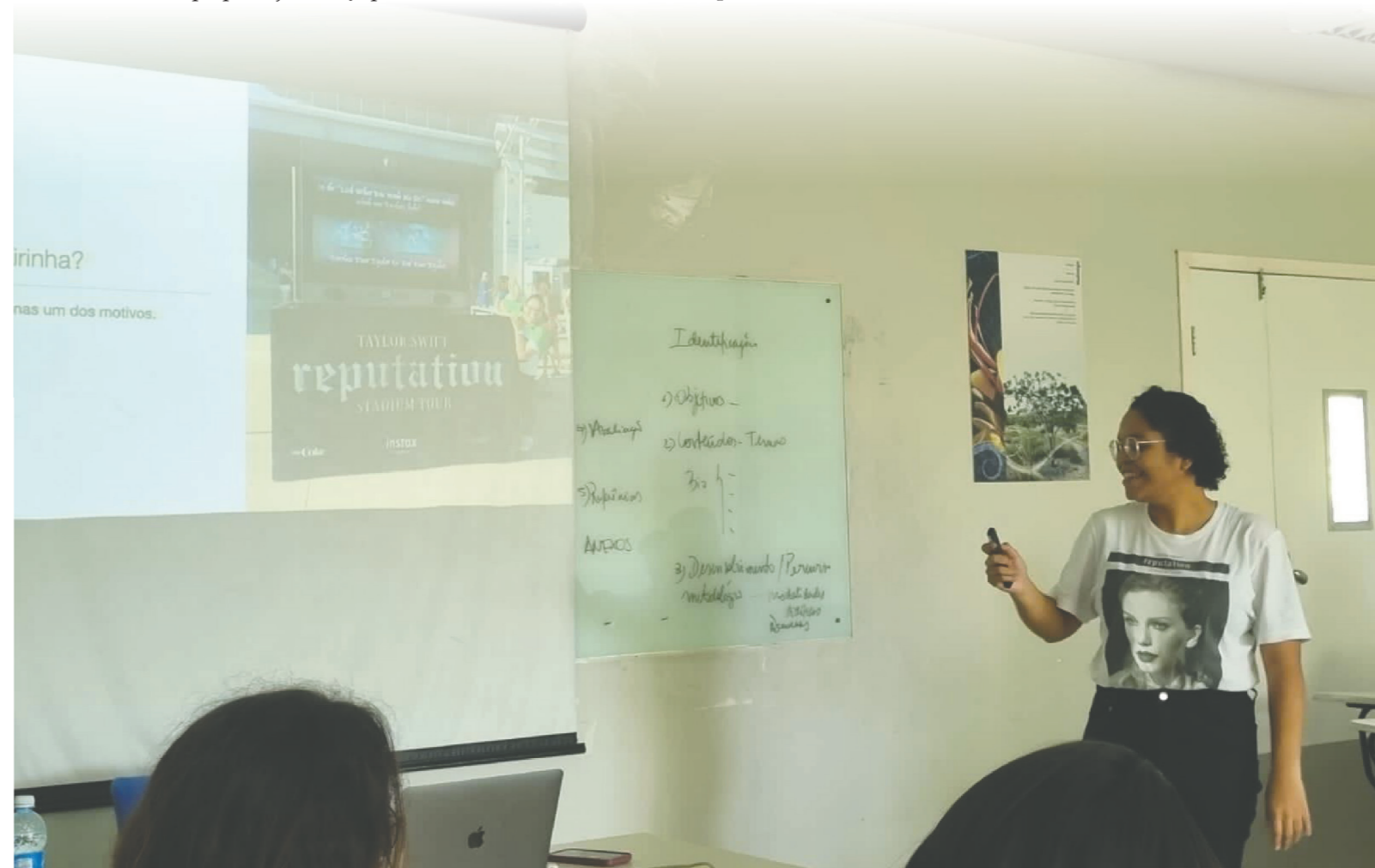
O uso da arte, diz, é uma estratégia de aproximação. “A ciência não deve ser inalcançável. Ela deve conversar com tudo e com todos”.

A proposta já alcança públicos diversos, inclusive fora da



academia. “As pessoas começam a reparar nas plantas, algo que elas nunca tinham feito antes”.

Entre resistência, reconhecimento e debate, o método segue crescendo. Mais do que uma inovação pedagógica, ele questiona estruturas e propõe outro caminho: ensinar não apenas conteúdos, mas formas de olhar.





CURTA CAICÓ

O Curta Caicó, considerado o maior festival de cinema do interior do estado, está com inscrições abertas para sua 9ª edição. Reafirmando o compromisso com a promoção, difusão e formação no campo do audiovisual, o festival conta com participação gratuita e as inscrições podem ser realizadas por meio do site oficial do festival (curtacaico.com.br) ou pelo link disponível na bio das redes sociais - @curtacaico. Consolidado como um dos mais importantes eventos culturais do interior do Nordeste, o Curta Caicó volta a se firmar como espaço de visibilidade, encontro e troca artística entre realizadores de diferentes regiões do Brasil. Em 2025, o evento bateu recorde de participação com a inscrição de 1225 filmes, nas mais variadas categorias.

As inscrições estão abertas para produções de curta-metragem, com duração máxima de até 20 minutos, contemplando diversas linguagens, temáticas e estilos cinematográficos. Cineastas de todo o Rio Grande do Norte e de outros estados brasileiros podem inscrever seus filmes até o dia 12 de abril. Os interessados podem se inscrever nas seguintes mostras competitivas: Nacional, Potiguar e Seridó. Além disso, contará com mostras paralelas temáticas, como diversidade, infanto-juvenil, ambiental, além de mostras de filmes fantásticos e nordestinos.

Além das tradicionais mostras competitivas, o Curta Caicó mantém o foco em ações formativas voltadas a realizadores em início de carreira e jovens talentos. O festival segue investindo em laboratórios de roteiro e oficinas e atividades de capacitação em escolas públicas da região do Seridó, com o objetivo de estimular a produção audiovisual em pequenos centros e fortalecer o ecossistema cultural do Seridó.

"Nos últimos anos, o Seridó vem ganhando destaque no cenário audiovisual. Entendemos que o festival tem o papel de fomentar essa produção regional, e a criação da Escola de Cinema do Seridó surge como mais uma ação para incentivar pessoas interessadas em trabalhar com audiovisual na região", destaca Ráidon Lucena, diretor do festival.

A 9ª edição chega com uma novidade importante: a ampliação das ações formativas por meio do lançamento da Escola de Cinema do Seridó. A iniciativa oferecerá formações em áreas como direção cinematográfica, produção executiva, som, montagem, fotografia e atuação, ampliando o acesso ao conhecimento técnico e criativo na região.

Laboratório de Roteiro no interior do RN

O 5º LAB RN - Laboratório de Roteiro para Jovens do Rio Grande do Norte, ação ligada a 9ª edição do Curta Caicó, segue com inscrições abertas para envio de projetos. Os interessados podem enviar suas propostas de filmes até o dia 5 de abril, por meio do link da bio do Instagram (@curtacaico). A iniciativa tem o intuito de descobrir novos(as) realizadores(as) a partir de mentoria em elaboração de roteiros de curta-metragem direcionada para jovens da região do Seridó potiguar.

A proposta do LAB RN é oferecer uma experiência imersiva de formação audiovisual, na qual os (as) participantes terão acesso a uma metodologia colaborativa voltada ao desenvolvimento de roteiros. Durante o processo, os(as) selecionados(as) participam de atividades de troca de conhecimento, discussões criativas e acompanhamento de especialistas de renome na área.

O 9º Curta Caicó é uma realização da Agência Referência, com patrocínio da Neoenergia Cosern, Instituto Neoenergia Governo do Rio Grande do Norte, Secretaria Estadual de Cultura, Fundação José Augusto, via lei de incentivo do Programa Cultural Câmara Cascudo.



SÉPIA

Por Thaís Dias*

fui uma criança amena. se fosse uma cor, sépia. ruim de comer, era franzina, à serviço da minha infelicidade e asma metódicas e bastante sintomáticas. era só quando escrevia que me tornava robusta.

comecei arcaica com poemas carretas de versos rimados compulsórios. métrica regular. contagem criteriosa de sílabas poéticas. cheia de empolgação por me pensar como alguém interessante, menos sépia, eu mostrava as rimas perfeitas a minha mãe. como quem diz: "eu sou boa nisso". ávida, serpenteava por entre a rigidez, era uma escrita cheia de regras. como minha infância. escrevia o que quisesse, desde que fosse o que todo mundo também quisesse. obediência em troca de afeto. cresci tal qual um bonsai. uma perfeita miniatura de expressões.

já grande e sem tempo para rimas, a professora nos contava sobre a origem da língua portuguesa. eu lírico, um milhão deles. codinomes. fases da arte. aos 15 anos, nessa aula, a criança sépia brilhou os olhos e sentiu urgência. batizada com o dom de ser diáfana, a inspiração me rasga com luz, e nasce. doía para nascer de dentro dela, um parto por dia. na arte, as mãos da sobrevivência. mais potente que qualquer droga psicotrópica. como um despertar da subconsciência, recordei o orgulho de mostrar as rimas. é verdade que eu seguia contida em tons opacos, obtusa demais. todavia, nesse momento, a arte foi um portal para uma alíquota, preciosa, de liberdade.

adulta, rompi com a subserviência que, em ato falho, impus ao meu arranjo de palavras, como impus a mim como mulher, filha e estudante. passei a trabalhar nas prosas poéticas para que fossem meu autorretrato, na obrigação de ser honesta com a capacidade de tornar belo meus sentidos e vivências mais intragáveis. expunha o vexame dos pensamentos de autoextermínio, como também a euforia de amar uma mulher pela primeira vez. eu líricos de mim, todas as facetas



extraviadas. eu tinha a habilidade de descrevê-los mergulhados num banho de estética, um filtro entre os dedos, e o resultado era realmente como ouro: de encher os olhos.

como quem diz "eu sou boa nisso". letras minúsculas e poucas vírgulas. eterna apenas na estética que ponho em línguas e linhas feitas de metáforas e alforrias.

quando a vontade de viver era pouca, imaginava que se eu me fechasse dentro de mim, seria salva com tantas palavras, as mais bonitas, as que eu merecia. isso nunca aconteceu. ninguém nunca me tirou, nem poderia, de dentro das minhas remissões de vazio. nessas horas, só pude lançar mão do privilégio de saber nomear cada sentido das minhas entranhas. conhecer a si próprio, até as vísceras, é um passo no processo de cura. e eu pude. porque escrevi.

a poesia, que não me tira da angústia perene que habita na ausência daquilo que não pude ou não escolhi viver. a poesia, que nunca me proporcionou a imperturbabilidade da mente, como também nunca prometeu. a poesia, palco da minha intensidade fisiológica, onde é possível ter controle sobre cada peça-palavra, flexibilizá-las, e, justamente por isso, incapaz de em tempo algum replicar a minha humanidade em seus pormenores. mas que me bajula com a ilusão do poder de fazê-lo. a arte é essa carícia vitalícia ao ego, uma dose terapêutica de eudaimonia frente ao realismo adoecedor, ampolas direto na veia do coração, correndo rápido. alimento do vício em me conhecer.

às vezes me pergunto quem sou. sou a autora desse texto.

*Thaís Dias é potiguar e escritora.

PATRICINHA ALTERNATIVA

Por Karen Sousa

Moda não é só acompanhar tendências, vestir o que está em alta ou se cercar de grandes marcas. Na verdade, a moda é muito mais sobre se expressar, marcar presença e falar sem dizer uma palavra. Para a criadora de conteúdo Suzie Chagas (a @patricinha.alternativa) é assim: a moda é traduzida como expressão de personalidade, é “a forma como você conta, sem palavras, para o mundo quem é você”.

Jornalista por formação e criativa por vida, ela está longe de intitular como “básica” e gosta de buscar autenticidade juntando todas as possibilidades em seu vestuário, inclusive explorando brechós e bazares, conversando com a moda sustentável e os conceitos de upcycling – tópicos que fazem parte do seu conteúdo nas redes.

À Cultue, Suzie disse que é na moda que encontra um grande potencial de interpretação do mundo e da sociedade, especialmente porque essa forma de se expressar atravessa classes sociais, gêneros e raças. Mas a autenticidade vem com um preço, é preciso coragem para, como diz Suzie, “bancas as suas gracinhas”. Para ela, a recompensa disso vai além da visibilidade, que se soma com a paz de ser você mesmo e ter trocas mais verdadeiras.

Confira a entrevista completa de Suzie Chagas à Cultue:

Revista Cultue - Quem é Suzie Chagas? Como se apresenta para o mundo?*

Suzie Chagas - Gosto de me apresentar como uma mente criativa ansiosa para descobrir, viver e experimentar o máximo de experiências que o mundo pode oferecer. Eu sou uma entusiasta da vida, de viver no modo radicalmente livre, numa pegada Rita Lee e com uma personalidade que mistura atitude das cantoras Tasha e Tracie com a da Ex-VJ da MTV, Mari Moon.

Tenho 29 anos, sou jornalista por formação e gosto de utilizar a moda como uma forma de expressão e de compreensão do mundo. Não apenas porque esta é a segunda maior indústria do mundo, mas principalmente porque na sociedade moderna em que nós vivemos, somos OBRIGADOS a nos vestir. O que significa que a roupa é uma expressão individual da nossa personalidade. Até quem é “neutro” ou “básico” com relação ao que veste faz uma escolha, e eu como comunicadora vejo um potencial muito grande de interpretação do mundo e da sociedade quando olhamos para a moda sob essa ótica.

Cultue - Como começou a criar conteúdo?

Suzie - Eu crio conteúdo como profissão há mais de 8 anos, desde o primeiro semestre da faculdade faço isso profissionalmente. É totalmente diferente criarmos conteúdos para empresas, instituições, lojas e para nós mesmas.



Tudo começou ano passado, durante a minha transição de carreira em que notei que o meu portfólio enquanto criativa estava muito limitado aos trabalhos mais “sérios” que tive na minha trajetória enquanto jornalista. Senti a necessidade de incrementar com entregas que minha criatividade fosse protagonista e eu pudesse criar o que eu queria, aplicado as estratégias que conhecia, foi daí que comecei a criar conteúdo para o meu perfil @patricinha.alternativa com mais foco e estratégia. Para poder mostrar o meu conteúdo como cartão de visitas para um potencial cliente. A coisa toda tem dado tão certo a ponto do meu perfil dobrar de tamanho em poucos meses, de fechar parcerias com marcas internacionais e até ministrar oficinas e cursos sobre os temas que trato no meu perfil. A criação de conteúdo tem me levado a caminhos que nunca pude imaginar e tomando um protagonismo cada vez maior na minha vida.

Cultue - Qual foi sua maior motivação ou inspiração na criação de conteúdo?

Suzie - A minha maior motivação para criar conteúdo online hoje, no meu perfil, é primeiro criar aquilo que eu gostaria de consumir e que não vejo nas redes. Tenho a ambição também de apresentar uma perspectiva diferente sobre o mundo que nos cerca, através da forma que enxergo a vida e o mundo. Considero meu ponto de vista muito único e sinto falta dessa autenticidade no digital. As pessoas autênticas estão em extinção, porque ser autêntico leva tempo, maturidade e principal-



mente coragem de “bancas as suas gracinhas”, é como uma seguidora comentou em um post recentemente “ser autêntica cobra algumas coisas: você perde aprovação fácil, decepciona expectativas alheias, deixa de caber em certos lugares. Mas em troca ganha algo muito mais valioso: paz de não precisar fingir, relações mais verdadeiras, um magnetismo que atrai quem realmente combina com você”. Uma das minhas motivações também é criar uma comunidade de gente que acredita nisso e que não se vê representada por outras pessoas.

Cultue - A moda vai muito além de acompanhar tendências, para você o que é a moda?

Suzie - Como escrevi na introdução do meu TCC “A moda pode até ser um assunto banal para alguns, mas é incontestável sua presença através das roupas no cotidiano das sociedades urbanas modernas. Neste ponto habita a maior contradição da presença das vestimentas em nossas rotinas: mesmo que na maioria dos dias da nossa existência usemos roupas, pouco ou quase nada refletimos sobre a origem das peças antes destas serem incorporadas ao nosso acervo pessoal.” A palavra moda quando relacionada a vestimenta é muito ampla, mas também muito simples, é um conjunto de códigos expressos através do vestuário. Códigos esses que atravessam classes sociais, gênero e raça. Não importa o lugar, não importa a época, a partir do momento que nas sociedades modernas passamos a dar significado para as roupas elas deixaram de ser só um “pano” que cobre o nosso corpo. Sendo assim, moda para mim é expressão de personalidade, é a primeira impressão, é a forma como você conta sem palavras pro mundo quem é você.

Cultue - Você também fala muito sobre bazares e brechós. Para você, qual a importância de motivar o consumo consciente nesses locais e para além do fast fashion?

Suzie - Somos habitantes de um planeta em situação de ebulição global, não dá pra ignorar isso. Não dá pra ignorar que somos uma das gerações “sortudas” que ainda tem um ar limpo para respirar, mas que está vivendo desmatamentos recordes da Amazônia e acompanhando o crescimento da poluição dos oceanos e aumento de aterros sanitários inclusive de roupas. A indústria da moda é uma das que mais polui o meio ambiente, e não podemos ser insensíveis com relação a isso. No meu conteúdo busco simplificar esse papo todo, mostrando que podemos usar a moda como uma expressão

de personalidade e também podemos cuidar do nosso planeta a partir de pensamentos responsáveis sobre aquilo que colocamos em nosso guarda-roupa. O consumo de bazares e brechós é relevante nesse contexto porque escolhemos usar algo que já foi produzido e que não segue tendências, é atemporal e pode ser até de maior qualidade se comparado ao que é vendido em fast fashions e em grandes centros comerciais. O consumo de brechó também impede que as roupas sejam descartadas de formas irregulares, como em aterros sanitários e levem milhares de anos para se decompor. Mostro tudo isso no meu perfil dizendo para as pessoas que dá para ser mais sustentável, gastar menos e ter personalidade incorporando roupas usadas no guarda-roupa.

Cultue - E o preconceito acerca de roupas usadas? Como enfrentar isso?

Suzie - A partir da educação principalmente, a maioria das pessoas que criticam o uso de roupas usadas muitas vezes não se sentem representadas por esse estilo de roupa, e na verdade não tem problema sobre isso, acredito que há espaço para todo o tipo de pensamento, o mundo é muito grande. Não acho que vale a pena “gastar bucha” com quem tem uma opinião formada e preconceituosa, mas acredito principalmente no potencial de apresentar o second hand como uma possibilidade para quem está aberto a isso. É engraçado pensar que na gringa essa cultura da roupa usada é muito disseminada, e uma porta de entrada inclusive para o mercado de luxo. Pessoas de classes mais elevadas usam muito second hand de marcas renomadas como Chanel, Dolce & Gabbana, etc. Na minha família a cultura de dar roupas que não quer ou não servem para outros familiares é bem comum, como na casa de muitas pessoas também é. O negócio é que quando a roupa é bonita, todo mundo aceita, seja ela vinda de um brechó ou de uma loja do shopping.

Cultue - Recentemente você levantou uma discussão sobre preços de roupas em brechós, você acredita que isso também faz parte de um preconceito?

Suzie - Eu acredito que faz parte de uma falta de compreensão das pessoas a respeito da modernização dos brechós na atualidade. Tem muito mais a ver com o fato das pessoas consumirem pouco do second hand e não compreenderem todo o trabalho envolvido numa curadoria, na dedicação de pessoas para encontrar as peças e vendê-las a um preço justo. Valores elevados em peças de brechó geralmente são peças que carregam história ou marca renomadas e isso soma na conta na hora de colocar o valor na etiqueta. O remédio pra esse pensamento é as pessoas se desafiarem mais a irem em brechós!

Cultue - Para você, qual a melhor parte de fazer conteúdo sobre moda? E a pior?

Suzie - A melhor parte de fazer conteúdo eu acho que é poder me expressar do meu jeito e no fazer amigos no caminho. Quantas vezes as pessoas já me disseram que se sentem representadas pelas coisas que digo ou visto, e que por aqui em Natal isso é raro? Muita gente me incentiva a continuar, gente que eu nem conheço. Fico muito motivada com as pessoas, não é a toa que sou jornalista, gosto das trocas sinceras com pessoas reais, isso as minhas redes tem me proporcionado.

DADOS QUE ORIENTAM DECISÕES.

Pesquisa, estratégia e inteligência para entender cenários e antecipar resultados.

- ✓ Pesquisas Eleitorais
- ✓ Pesquisas de Mercado
- ✓ Opinião Pública
- ✓ Estudos Comportamentais

A Exatus Pesquisa e Consultoria é referência em pesquisas eleitorais, de mercado e opinião pública no Rio Grande do Norte.

Atuamos com rigor metodológico, credibilidade e análise estratégica para transformar dados em decisões seguras.

☎ 84 98186-3191

📷 @exatuspesquisa

🌐 exatuspesquisa.com.br

✉ exatuseconsultoria@gmail.com

📍 Av. Rodrigues Alves, 955 - Tirol
- Petrópolis, Natal - RN, 59020-200

exatus
CONSULTORIA & PESQUISA

